

Melville: a Arte Desvela a Natureza da História

HERMAN MELVILLE, *BARTLEBY, O ESCRIVÃO*. (Prólogo de JORGE LUIS BORGES), Editora Record, Rio de Janeiro, 99 páginas.

Italo A. Tronca
Departamento de História/Unicamp

Wall Street, meados do século passado. Um escritório de advocacia, seis personagens. Esses os elementos com os quais Melville cria uma surpreendente e trágica alegoria da História. Surpreendente porque *Bartleby* é, talvez, um dos trabalhos menos conhecidos no Brasil do autor de *Moby Dick*, e também porque a natureza elegíaca da obra de arte e da história pode parecer uma intuição exclusiva do nosso século.

Nessa curta novela, publicada em 1856 no volume intitulado *The Piazza Tales* (Nova York, Londres), cujo tema é aparentemente uma sensaborona narrativa do comportamento insólito de um escrevente, Melville exercita uma crítica radical de seu tempo, desvelando o paradigma da ordem burguesa.

O enredo é simples: o advogado-narrador, um néscio e anônimo personagem, ilumina logo de início a aura do tempo que o contém: "Sou um homem que, desde a juventude, sempre teve a convicção profunda de que o caminho mais fácil na vida é o melhor. Daí por que, apesar de pertencer a uma profissão tradicionalmente movimentada e nervosa, alcançando às vezes o grau de turbulência, jamais permiti que tais problemas interferissem com a minha paz. Sou um desses advogados sem ambição, que nunca se apresentam perante o júri nem procuram o aplauso público. Na serena tranqüilidade de um refúgio ameno, cuido de amenas tran-

sações de homens ricos, em hipotecas, ações e títulos de renda. Todos os que me conhecem acham que sou um homem eminentemente *seguro*.”

É justamente o advento de Bartleby — o misterioso escrivão que atende a um anúncio de emprego —, que virá conturbar a paz do refúgio ameno, microcosmo do caos recriado pela ordem burguesa se fazendo. À primeira vista, Melville conta a história de um homem que *preferia* não fazer nada, um homem que adotou o imobilismo como forma de viver, um louco.

É surpreendente como Jorge Luis Borges, no prólogo, também foi seduzido pelo registro da loucura: “O niilismo cândido de Bartleby contagia seus companheiros (os colegas escreventes) e também o homem estólido que relata sua história e que abona suas tarefas imaginárias. É como se Melville houvesse escrito: ‘Basta que um único homem seja irracional para que os outros também o sejam e o mesmo aconteça com o universo’.”

O mais provável, contudo, é que Borges tenha feito uma leitura invertida do sentido de Bartleby. Para ele, o escrevente é o louco, o irracional que contamina os demais e revela o caos da História. Não parece que foi isso que Melville quis dizer; a loucura, a irracionalidade, não estão em Bartleby e sim na ordem exterior. Racionalidade e lucidez são atributos do mito, cujo destino neste mundo está previamente traçado. Bartleby morre de inanição, recostado junto ao muro da prisão para onde fora levado acusado de vagabundagem. . . Morre diante da perplexidade do cozinheiro, que lhe havia preparado refeições especiais a pedido de seu algoz-beneficor — o advogado que lhe dera emprego.

E Bartleby, mais do que um personagem-símbolo, é um mito. Melville delinea-o com economia de meios, classicamente, ao descrever seus primeiros tempos no emprego: “Bartleby permanecia sentado à sua ermida, indiferente a tudo que não fosse o seu próprio trabalho. Alguns dias se passaram e o escrevente foi aproveitado em outro longo trabalho. Seu comportamento estranho — narra o patrão — me levou a observá-lo atentamente. Constatei que Bartleby jamais saía para almoçar; mais do que isso, jamais saía para qualquer lugar. Ao que eu soubesse, ele jamais se ausentara do escritório. Era como uma sentinela perpétua no canto.”. . . Estilo premonitório de um Franz Kafka, que nada tem a ver com o romantismo literário de sua época, a Vitor Hugo, ou com o sentimentalismo de um Charles Dickens, condoído diante dos horrores da Londres industrial. Seis anos antes, com *Moby Dick*, Melville já anunciava a

que viera: o símbolo da Baleia Branca, perseguida pelo capitão Ahab através dos oceanos, mais do que uma luta entre o Bem e o Mal, sugere a inumanidade do cosmo, sua estupidez irracional ou enigmática.

E, ao contrário de Dickens, cujos enredos são freqüentemente incoerentes, o romancista americano constrói *Bartleby* com uma precisão geométrica. Em dado momento, o advogado requisita Bartleby a fim de conferir com os outros escreventes as quatrocentas páginas de um documento por ele copiado em quatro vias. “Preferia não fazê-lo” — responde melodiosamente o escrivão. Passada a estupefação inicial, diz-lhe o patrão: “Está então decidido a não atender ao meu pedido... um pedido formulado de acordo com o costume e com o bom senso? Ele me deu a entender brevemente que, nesse ponto, meu julgamento era exato. Era isso mesmo: sua decisão era irreversível.”

Por que Melville dramatiza a recusa à conferência? O entrecruzamento das atitudes dos personagens (os colegas também se indignam com Bartleby) diante da exigência do advogado (um hábito, um costume, um imperativo do bom senso...) desvenda um espaço de liberdade, de humanização que só Bartleby pode preservar. Mas a resistência, a luta de Bartleby transfigurada no episódio da conferência revela seu verdadeiro sentido, o alcance que Melville lhe pretendeu dar, quando articulada ao processo de trabalho do escrevente — uma tarefa álgida, monótona, entorpecente. “Não posso imaginar, por exemplo, que o fogoso poeta Byron pudesse sentar-se satisfeito com Bartleby para conferir um documento legal em torno de quinhentas páginas, escritas em letra pequena” — reconhece o patrão.

Nesse registro, a novela é não apenas uma alegoria do caos imanente à História, que a ordem burguesa só faz acelerar, mas uma aguda premonição da natureza do processo de trabalho — processo que está na raiz dos projetos totalizantes que tendem a se consumir hoje...

Como entender, porém, a inusitada e sôfrega dedicação ao trabalho por parte de Bartleby, em seus primeiros tempos de emprego? Seria o inelutável caminho percorrido pelo personagem — o da superexploração — rumo à tomada de consciência libertadora?

Tudo indica que Melville, felizmente, não se socorria das muletas da dialética. Seu personagem central, como todo mito, traz em si mesmo um mistério e uma ambigüidade essenciais. Simplesmente aparece e ninguém sabe de seus antecedentes. Resiste ao mesmo tempo que se deixa destruir pela ordem cuja iniquidade sua presença denuncia. Como diz Simone de Beauvoir, é difícil descre-

ver um mito: não se deixa apanhar nem cercar, habita as consciências sem cair na imobilidade. É às vezes tão fluido, tão contraditório que não lhe percebemos, de saída, a unidade. Bartleby é, a um tempo, uma frágil criatura e uma força elegíaca; é o silêncio abissal da História, a negação de si próprio e a razão de ser do homem...